



## TEORIAS E PRINCÍPIOS PARA A PESQUISA SOCIOLÓGICA EVIDÊNCIA CIRCUNSTANCIAL DE PARADIGMAS EM CARLO GINZBURG E NORBERT ELIAS

Marizabel Kowalski (UFV/DES), Luiz Eduardo Benini (SESC/SP)

---

### RESUMO

Este ensaio centra as teorias e princípios que freqüentemente comandam as pesquisas – evidências circunstanciais e os paradigmas indiciários para a elaboração de argumentos pertinentes a convocatória do embate intelectual segundo as teorias de Carlo Ginzburg em “*Sinais*” *Raízes de um Paradigma Indiciário*, in: *Mitos, Emblemas e Sinais: Morfologia e História*. (São Paulo: Cia das Letras, 1989. P. 143 –79), e “*Envolvimento e Distanciamento*” de Norbert Elias (São Paulo: ZAHAR Editores, 1997) as quais abordam o problema do desenvolvimento sociológico do saber.

Palavras-chave: epistemologia; conhecimento; sociologia; Elias; Ginzburg.

---

### INTRODUÇÃO

Partindo de nomes como Sigmund Freud, iniciante nos estudos do comportamento e conduta humanos, Sherlock Holmes, invenção heróica e romântica do escritor Conan Doyle, somando-se a ambos, um crítico de arte Morelli, (Giovanni Morelli, pseudônimo Ivan Lermioeff), Ginzburg elabora a discussão sobre o paradigma de “um saber indiciário”, um método de conhecimento cuja força está na observação do pormenor revelador mais do que na dedução. Em “*Sinais*”, o autor aplica-o à temáticas aparentemente díspares: a história da cultura popular, a teoria e a história da arte, a história da obra de arte e à psicanálise, frutificando uma investigação “detetivesca” que, trazendo a luz detalhes negligenciados, revela perspectivas surpreendentes e faz jus à epígrafe do texto: “Deus está no particular”.

Correlacionando Ginzburg e seus personagens a Norbert Elias evidencia que os artigos constituintes do compendio “*Envolvimento e Distanciamento*” (1997) abordam o problema do desenvolvimento social do saber. Embora Elias não afirme, em sentido absoluto, que a posição de um ser humano é distanciada (racional ou irracional, objetiva ou subjetiva), o comportamento e as vivências situam-se em entre os dois extremos. O estado de desenvolvimento social tende a aproximar-se mais de um ou de outro destes dois pólos no interior de uma mesma sociedade, ou seja, dependendo da pressão social ou psíquica, podem deslizar para um ou para outro lado. Consequentemente, a vida dos seres humanos entraria em ruptura caso os padrões de comportamento avançassem demasiado quer numa quer noutra direção, ou seja, a possibilidade de uma vida coletiva organizada baseia-se na combinação do impulso de distanciamento com o impulso de envolvimento no comportamento e pensamento humanos; impulsos esses, que se controlam mutuamente. Eles podem entrar em colisão, lutar para atingir compromissos ou hegemônias e formar coligações em que estejam presentes as mais diversas proporções e sob as

mais variadas formas e em todas as suas variantes, contudo; é a relação que se estabelece entre ambos que determina o percurso do indivíduo.

## **METODOLOGIA**

A análise do discurso de Elias (1997) fala de um instituto de pesquisas, como estes vistos na mídia, pergunta às pessoas a respeito de suas práticas, suas intenções ou suas opiniões, ele obtém respostas sobre a frequência das idas ao cinema, as intenções de voto ou a popularidade dos políticos, mas sem que estes dados estejam em relação com o grau de implicação sentido pelos interessados – eles teriam inventado uma resposta adaptada à situação para satisfazer o pesquisador ou para dar uma imagem de si mesmo segundo seu ideal? Ou eles investiram interesses e emoções na situação da pesquisa, convicções enraizadas que tiveram oportunidade de experimentar na vida real e que fazem parte de sua experiência familiar? Da resposta a esta pergunta dependem o significado e a pertinência do resultado da pesquisa.

Na atual discussão da divergência entre o racionalismo e o empirismo na construção de indícios para a pesquisa científica nos levam de encontro de Carlo Ginzburg em *Sinais: Raízes de um Paradigma Indiciário*, in: *Mitos, Emblemas e Sinais: Morfologia e História* (1989:143 –79). Propõe a crise da evidência pura na construção ensaística da composição do cenário de um paradigma indiciário. Ginzburg utilizando de Giovanni Morelli na importância dos signos para a arte, Conan Doyle na preciosidade de indícios no trabalho detetivesco de Sherlock Holmes e Sigmund Freud no sentido dos sintomas em psicanálise como interlocutores.

## **RESULTADOS**

Ginzburg inicia seu percurso investigativo sobre o paradigma operante nas ciências humanas ao confrontar Morelli, Doyle e Freud alertando que estas articulações não são simplesmente coincidências biográficas. No final do século XIX - mais precisamente na década de 1870-80; começa a se afirmar nas ciências humanas um paradigma indiciário baseado justamente na semiótica. Mas as suas raízes eram muito antigas (GINZBURG, 1989:151)

Morelli-Doyle-Freud deixam transparecer o que Carlo Ginzburg atribui como semiótica médica presente nos três modelos recortados. A medicina insere-se aqui como *um princípio* interlocutor na medida em que se vale de sinais, tratando da sintomatologia e observando a doença como investigação (causas e efeitos) e a medicina vê como problema propriamente dita e somente discorre sobre as causas e trata seus efeitos de doença pelo sintoma. Nesse sentido, a identidade entre Morelli-Doyle-Freud passa pela esfera semiótica: cada um, em suas particularidades (arte-investigação-psicanálise) trabalha os sinais indiciários. Neste intermeio Ginzburg realiza sua discussão sobre o paradigma acenando para a história cultural. Na pertinência da interpretação da cultura há uma circularidade cultural juntamente com o processo de relações que envolvem os personagens da história e, por conseguinte, cria um paradigma de investigação.

O rigor metodológico se faz presente nos signos, os significados dos indícios, a leitura do sinal não está presente gratuitamente. O indício é sempre algo que ao seu rigor metodológico é preciso e singular. Isto aparece em Ginzburg, na recondução do conhecimento histórico não mais a fenômenos atemporais, mas, para fenômenos aparentemente negligenciáveis na utilização da observação como meio de conjectura (GINZBURG, 1989:10).

Um dos conceitos chave citados por Elias (1997), superação do problema de pesquisa é o da “síntese progressiva” quando levamos em consideração a “interconexão dos fatos”, ou seja, para Elias;

Quando procuramos atualizar mentalmente a direção desse longo processo no decurso do qual, sob determinada condição, a partir de moléculas simples se formaram macromoléculas, a partir de macromoléculas unidades de integração de organização superior e, por fim, organismos unicelulares, seguindo organismos dotados de órgãos especiais, sempre cada vez mais especializados e cada vez mais sintetizantes, até chegarmos às formações mais complexas, os seres humanos, percebemos que o conceito de síntese progressiva permite transmitir ao nível dos contextos de interconexões entre os fatos. Mas, ao mesmo tempo, este conceito reporta-se também ao desenvolvimento do saber humano sobre o mundo em que os homens vivem e do qual são parte. (ELIAS, 1997, p.179).

Para poder dar conta da especificidade dos contextos de inter-relações entre os fenômenos e acontecimentos dos níveis superiores de organização, segundo Elias, necessitamos de conceitos específicos de níveis e modelos de contextos de interconexões não aplicáveis aos eventuais níveis inferiores de integração – expressões como “nascimento”, “morte” e “vida” ou para referir conceitos específicos que se reportam a particularidades estruturais em nível ainda mais elevado de integração, expressões como “espírito”. Confrontam-se aqui, com um conhecimento que tem realmente grandes implicações no decurso do processo de evolução espontâneo, não planejado, mas direcionado produzem, em determinada condição, unidades de integração organizadas de forma irreversível e, com um número sempre maior de subunidades especializadas e de centros de integração hierarquicamente ordenados por sobreposição. Todas as teorias de evolução implicam – evolução a partir de alguma coisa, de um início ou de uma origem. O enigma da origem da vida é outra questão, que se estende para trás no tempo e é embaraçada pela escassez de indícios.

Elias (1997) manifesta sem cessar sua aversão pela metafísica, ou seja, pela tendência a substanciar noções, construções mentais, que existiriam realmente em um mundo das idéias, inacessível, por princípio, à verificação empírica bem como às contingências da história. Vimos que é nesse sentido que ele tenta desconstruir a oposição indivíduo/sociedade, mostrando que ela provém de uma projeção ingênua da situação do sujeito pensante, uma pessoa individual, sobre o sujeito de seu conhecimento e da ação, cujo *habitus* é inteiramente formado por uma rede de interdependências. A ilusão de um indivíduo autônomo confrontado a uma sociedade exterior e coercitiva faz parte destas mitologias do senso comum que é fascinante explorar para analisá-las. Entretanto, ela não pode, em nenhuma situação, tornar-se constitutiva de um paradigma pseudo-

erudito colada ao impensado. Diante desta maneira de construir teorias sociológicas, partindo do indivíduo, realizadas por seres individuais, o sociólogo poderá tornar-se, resolutamente, um caçador de mitos, segundo a expressão de Elias. Além desta projeção espontânea da experiência vivida no nível individual, em termos de oposição sujeito/objeto, o pensamento metafísico se caracteriza por uma tendência a substancialização, indissociável de uma dicotimização, que constrói seres fictícios que são, não somente autônomos uns em relação aos outros, mas também diametralmente opostos. Esta é então, a oposição do indivíduo à sociedade, e do sujeito ao objeto, ou ainda a do corpo ao espírito, do físico ao social, da natureza ao homem. Longe de representar um progresso das faculdades de conceituação, tais oposições, que dão “a ilusão de um mundo cortado em dois”, é apenas “um artefato produzido por um desenvolvimento aberrante no interior da ciência”, como é mostrado pela reflexão sobre o tempo.

Em “*Sinais*” analisa-se a postura morfológica de Morelli, na tentativa de reconstruir fenômenos históricos não conhecidos – as leis da forma subjetiva – personificação e personalidades artísticas, datação de obras de arte – através de uma série de conexões puramente formais, cuja perspectiva podia ser controlada, eventualmente corrigida pela descoberta de outra documentação, onde a legitimidade mantinha-se intacta. Ginzburg relata então que, por volta do final século XIX, emergiu silenciosamente no âmbito das ciências humanas um modelo epistemológico (um paradigma) ainda que não teorizado explicitamente, entretanto, em sua descrição carregada de complexidades, exalta a simplicidade da contraposição entre “racionalismo” e “empirismo”.

## **CONCLUSÕES**

Em “*Sinais*”, vimos uma disciplina como a psicanálise constituir-se em torno da hipótese de que - pormenores aparentemente negligenciáveis - pudessem revelar fenômenos profundos de notável alcance. A literatura aforismática (*sinais*) que, por definição, é uma tentativa de formular juízos sobre o homem e uma sociedade a partir de sintomas, de indícios. Os personagens analisados por Ginzburg constituíram o ponto essencial do paradigma indiciário ou semiótico, que penetrou nos mais variados âmbitos cognoscitivos, modelando profundamente as ciências humanas, desde as particularidades paleográficas empregadas como pistas que permitiam reconstruir trocas e transformações culturais – o método morelliano e sua análise dos indícios mínimos (desde as representações esvoaçantes nos pintores florentinos do século XV, os neologismos de Rabelais, a cura dos doentes de escrófula), os indícios mínimos eram assumidos como elementos reveladores de fenômenos mais gerais: a visão de mundo de uma classe social, de um escritor ou de toda uma sociedade. Assim, Berlin conspirando junto a Ginzburg, exacerba sua erudição – a arte como sinal, como indício de um paradigma epistemológico e do racionalismo e o irracionalismo e que não deixa de ser divina. Para Berlin:

Se ao pintor permite-se um excesso, a impressão é exaltada em detrimento do detalhe histórico, então “todos somos artistas”. A figura do real só tem sentido na medida em que ela solicita genealogias inéditas que são por si só, convites aos estímulos para produzir novas formas inspiradoras. De um lado, o modelo racionalista e a idéia de que uma metafísica futura poderá apresentar sob os argumentos de uma disciplina rigorosa e ética como um complexo de axiomas, de postulados, de demonstração, de escólios, de lemas e de proposições. Do outro, o modelo da forma intuitiva, irracional, de que a estética se constrói pelo peremptório, atitudes, exacerbações, pelo afirmativo, pelo poético, pela inefável perfídia. As criações humanas – leis, instituições, religiões, rituais, obras de arte, linguagem, canções, normas de conduta, etc. – não são produtos artificiais criados para agradar, exaltar ou transmitir sabedoria, nem são armas propositadamente inventadas para dominar ou manipular os demais, ou para promover segurança ou estabilidade social, e sim formas naturais de auto-expressão, isto é, de comunicação com os outros seres humanos ou com Deus (BERLIN, 1982:9).

É a partir da relevância e da posição histórica da noção do individual que Ginzburg critica o modelo da ciência moderna que despreza o individual, pois o toma como obstáculo para o conhecimento científico preciso. o verdadeiro obstáculo à aplicação do paradigma galileano era a centralidade maior ou menor do elemento individual em cada disciplina. Quanto mais os traços individuais eram considerados pertinentes, tanto mais se esvaía a possibilidade de um conhecimento científico rigoroso. Com o surgimento das ciências humanas, as diversas disciplinas indiciárias modificam-se e as humanidades cada vez mais assumem o paradigma indiciário da semiótica como conduta. No caminho de *sinais* há um *rigor flexível*, uma ligação do singular com a totalidade, pois, apesar de enfatizar o singular, a complexidade da realidade está aí. O modelo epistemológico indiciário não considera o indício por ele mesmo, seu significado não está à margem do conjunto da realidade. O cerne do paradigma indiciário-semiótico está tal como afirma Ginzburg, na valorização do singular que deve ser investigado como indício, signo ou sintoma, pois “se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas - sinais, indícios - que permitem decifrá-la” (GINZBURG, 1989:177).

Os artigos que constituem *Envolvimento e Distanciamento*, Norbert Elias aborda o problema do desenvolvimento social do saber. Embora o autor não afirme, em sentido absoluto, que a posição de um ser humano é distanciada (racional ou irracional, objetiva ou subjetiva), o comportamento e as vivências situam-se numa escala entre os dois extremos. O estado de desenvolvimento social tende a aproximar-se mais de um ou de outro destes dois pólos dentro de uma mesma sociedade – dependendo da pressão social ou psíquica, podem deslizar para um ou para outro lado.

Entretanto a vida dos seres humanos entraria em ruptura caso os padrões de comportamento avançassem demasiado quer numa quer noutra direção, ou seja, a possibilidade de uma vida coletiva organizada baseia-se na combinação do impulso de distanciamento com o impulso de envolvimento no comportamento e pensamento humanos; impulsos esses, que se controlam mutuamente. Eles podem entrar em colisão, lutar para atingir compromissos ou hegemônias e formar coligações em que estejam presentes nas diversas proporções e sob as

todas as formas em suas variantes, contudo, é a relação que se estabelece entre ambos que determina o percurso do indivíduo.

O exemplo citado por Elias fala de um instituto de pesquisas, como estes vistos na mídia, pergunta às pessoas a respeito de suas práticas, suas intenções ou suas opiniões, ele obtém respostas sobre a frequência das idas ao cinema, as intenções de voto ou a popularidade dos políticos, mas sem que estes dados estejam em relação com o grau de implicação sentido pelos interessados – eles teriam inventado uma resposta adaptada à situação para satisfazer o pesquisador ou para dar uma imagem de si mesmo segundo seu ideal? Ou eles investiram interesses e emoções na situação da pesquisa, convicções enraizadas que tiveram oportunidade de experimentar na vida real e que fazem parte de sua experiência familiar?

Dar respostas a esta pergunta depende o significado e a pertinência do resultado da pesquisa. Ora, esta questão que colore toda a vida social em função da intensidade dos afetos, não é quase nunca abordada na metodologia das pesquisas e, raramente, nas problemáticas das ciências sociais. Ela permite dar sentido aos diversos fenômenos; ao mesmo tempo familiares e pouco explorados; que atingem tanto a relação dos homens com a natureza e com o saber, quando suas relações recíprocas e as relações entre Estados.

---

## THEORY AND PRINCIPLES FOR THE SOCIOLOGICAL RESEARCH CIRCUMSTANTIAL EVIDENCE OF PARADIGMS IN CARLO GINZBURG AND NORBERT ELIAS

### ABSTRACT

This essay centers in the theories and principles that frequently command the research - circumstantial evidences of the indicial paradigms for elaboration of pertinent arguments at convocation of the intellectual discuss inside the theories of the Carlo Ginzburg in "*Signals*" *Roots of a Indicial Paradigm, in: Myths, Emblems and Signals: Morphology and History*. (São Paulo: Company of the Letters, 1989. P. 143–79) and "*Involvement and Distanced*" of Norbert Elias books (São Paulo: ZAHAR Editions, 1997) what approaches of the problem sociological environment of the knowledge.

**Key Word:** Epistemology; Knowledge; Ginzburg, Elias, sociology.

---

### REFERÊNCIAS

BERLIN, I. **Vico e Herder**. Brasília: UNB, 1982.

ELIAS, N. **Envolvimento e Distanciamento**. São Paulo: ZAHAR Editores, 1997.

GINZBURG, C. **Mitos Emblemas e Sinais: Morfologia e História**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.